

PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA HUMANISTA: CONSERVADORA OU EMANCIPATÓRIA?

Janice Zarpellon Mazo *

Silvana Volbre Goelner **

1. INTRODUÇÃO

A abordagem humanista na Educação originou-se nos primórdios do Humanismo Moderno, contrapondo-se à visão tradicional que se baseava num modelo mecânico de homem, com a intenção de aproximar o processo educativo a sua vida real, valorizando, ainda, sua existência.

Como corrente de pensamento, o Humanismo influenciou as mais diversas áreas do conhecimento humano. Na Psicologia, por exemplo, deu início à corrente denominada "Psicologia Humanista" tendo grande expressão através de Maslow, Murphy e Rogers, que acabou adotando o contexto educacional.

No campo pedagógico deu origem, no início desse século, ao movimento intitulado "Escola Nova" ou Escolanovismo", tendo em Dewey, Freinet, Montessori, Decroly, e Cousinet seus precursores. Seu ideário propunha basicamente a liberdade e a autonomia do aluno, a não diretividade do professor, o trabalho com o lúdico, com o jogo, os métodos ativos de ensino, o respeito à iniciativa do aluno, a ênfase no entendimento da pessoa como um ser indivisível, uno.

Encontrou no Existencialismo a idéia da pessoa como resultado de sua experiência concreta e a liberdade enquanto característica inerente ao homem e à mulher.

Na Fenomenologia encontrou o método para seu estudo, centrando-se na descrição das experiências humanas a partir da consciência de cada um, e no Liberalismo fundamentou sua dimensão política.

Na Educação Física possibilitou a emergência de uma nova perspectiva, ao contrapor-se radicalmente ao modelo comportamentalista hegemônico. Rompe, assim, com esses princípios, visando propor uma práxis verdadeiramente humana, em que

o ponto central é a pessoa, aqui entendida não de forma segmentada, atomizada, mas a partir de uma visão totalizante, holística.

Tendências como Educação Física Humanista, Educação Psicomotora, Concepções Abertas nas Aulas de Educação Física, algumas manifestações na Educação Física Escolar, Educação Popular e atividades não formais incorporaram alguns de seus princípios.

Diante das colocações iniciais, é possível perceber a influência que a abordagem humanista exerceu e exerce na práxis educativa brasileira ao longo dos anos, sendo, por isso, fundamental o nosso conhecimento acerca de suas manifestações.

Entendemos que a análise de uma corrente educacional não deve estar desvinculada do contexto social, político, econômico e cultural no qual se insere. Essa afirmação parte do pressuposto de que a educação não só decorre desse contexto, como também se constitui numa instância capaz de questioná-lo e provocar modificações na sua estrutura, frente a um trabalho com a consciência das mulheres e homens situados concretamente num determinado momento histórico.

Nesse sentido, tentaremos aprofundar nosso estudo, analisando a abordagem humanista na Educação e na Educação Física, desvelando os pressupostos teóricos subjacentes a sua proposta. Realizaremos, ainda, uma reflexão crítica acerca da sua manifestação no contexto educacional, resgatando o papel do professor enquanto agente de transformação comprometido com um projeto democrático de educação.

2. A ABORDAGEM HUMANISTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física, historicamente, tem uma

* Mestranda em Ciências do Movimento-UFSM

** Mestranda em Ciências do Movimento Humanista-UFRGS

profunda relação com os militares e os médicos, em especial pelo papel que desempenhou e desempenha junto à sociedade brasileira. Desde o século XIX esteve ligada à eugeniação da raça, e no momento em que se deu a libertação do jugo português isso se fez muito presente, na medida em que havia a necessidade de homens e mulheres fortes para gerarem filhos fortes e, conseqüentemente, uma sociedade forte. Assim, incorporou ainda uma prática higienicista, em que "a idéia central é a disseminação dos padrões de conduta, forjadas pelas elites dirigentes entre todas as outras classes sociais" (GHIRALDELLI, 1988:17).

Na década de 30, a Educação Física colaborou significativamente para a manutenção do regime político, no qual desempenhou o papel de coadjuvante na defesa da Pátria, não só contra os "inimigos externos" mas, especialmente, contra os "inimigos internos" (opositores ao sistema, comunistas). Alguns autores como Castellani Filho e GhiraldeLLi atribuem à Educação Física nesse período a função de auxiliar indiretamente na economia do país, que vivia um momento de transição de um modelo econômico agro-exportador para um modelo urbano-industrial. Havia carência de mão-de-obra preparada para o processo de industrialização que despontava. Começam, então, a acontecer mudanças na política educacional brasileira, e na Educação Física se dá a criação de instituições e cursos isolados com a finalidade de formar recursos humanos para atuar na orientação de atividades físicas voltadas para a preparação de força de trabalho.

A obrigatoriedade da prática da Educação Física nas escolas ao nível constitucional aparece em 1937, sendo implementada no ensino primário, secundário, normal e profissional. (Betti, 1988).

A recuperação desses fatos históricos tem como intenção demonstrar que, enquanto a Educação discutia o ideário escolanovista, a Educação Física mantinha-se arraigada ao reducionismo anátomo-fisiológico sustentado pelo método francês.

A década de 40 caracteriza-se pela introdução gradual do esporte nas aulas de Educação Física, tendência essa que vai se consolidar nas próximas décadas.

A Educação Física, ao acontecer como uma "atividade educativa" junto aos currículos escolares, passa a não mais se caracterizar como uma prática direcionada para promover a saúde e disciplinar jovens, mas busca sua função enquanto possibilidade educativa, o que faz surgir, no final de 50 e início de 60, uma tendência denominada Educação Física Pedagogicista (GhiraldeLLi, 1988, que está ligada ao crescimento do ensino público sob influência do Liberalismo e da ideologia nacional-desenvolvimentista de JK.

Nessa nova tendência é possível evidenciar

alguns princípios humanistas, quando o discurso da Educação Física é direcionado para a formação do homem ideal (mesmo que o considerando como uma entidade abstrata).

O próprio GHIRALDELLI (1988) transcreve no seu livro "A Educação Física Progressista" um trecho da fala de um professor da Escola Nacional de Educação Física desse período, onde se torna evidente o cunho humanista que orienta essa prática educativa:

A matéria-prima da educação física é o ser humano com todas as suas dimensões. Acentuemos com ênfase a sua dimensão histórica, entendida esta não no seu aspecto episódico ou na mera crônica de fatos, mas como a marcha do humano em busca do seu sentido profundo. Daí a magna importância da educação física. Concorrerá ela, efetivamente ou não, conforme a sua docência, para que o homem em todas as fases e situações existenciais atualize as potencialidades em benefício próprio e de necessidades comunitárias, sempre mais complexas em uma sociedade economicamente em ritmo acelerado de industrialização e, politicamente, democrática (...) (FARIA 1957) (p. 41).

Através dessa citação podemos identificar algumas características do Humanismo Moderno na Educação Física, que perde terreno para a emergência do esporte escolar competitivo (esportivização da Educação Física Escolar) que deixa dúvidas quanto ao seu caráter humanista pela maneira com que se desenvolveu.

No final da década de 70 visualiza-se uma outra tendência na Educação Física, denominada por Castellani Filho como "Tendência da Psicopedagogização", que recebeu influência do Escolanovismo, manifestando-se, agora, na Educação Física. Segundo esse autor:

não se fazia aqui análise da escola levando em conta o momento histórico em que ela se contextualizava nessa nossa sociedade. Se discutia abstratamente a idéia de homem, a idéia de criança, a idéia de idoso, então se começou a trabalhar na Educação Física a idéia da criança em si, o homem em si, o idoso em si, como se existisse o homem em si, a criança em si (CASTELLANI, 1987:5).

Autores como Le Bouch, Lapierre, De Meur e outros, através da Educação Psicomotora ou Psicomotricidade, começam a ser trabalhados nas escolas, respaldados pelo Escolanovismo, especialmente nas primeiras séries do 1º grau. A proposta do entendimento da pessoa enquanto um ser uno, indivisível é básica nessa corrente, que tenta entender a criança e a relação da sua motricidade

com os aspectos afetivos, cognitivos e sociais, considerando ainda a importância do seu mundo vivido.

A criança é estudada frente aos seus padrões motores, sua lateralidade, sua orientação espaço-temporal, seu ritmo, onde é respeitada a sua individualidade aceitando-se as diferenças de cada uma. Os condicionantes sócio-econômicos sequer são pensados.

A Psicologia Genética de Jean Piaget influenciou fortemente esse momento e sua obra constituiu-se a cartilha de inúmeros professores. O psicologismo pedagógico atinge o seu ápice. Tudo é entendido a partir dessa perspectiva e a criança passa a ser o centro do mundo.

Destaca-se também Carl Rogers, fundador da Psicologia Humanista, que, no entendimento de Vitor Marinho de Oliveira (1984), é o autor-chave para o desencadeamento de uma nova percepção da Educação Física, que denomina de Educação Física Humanista.

Assim, tendo por base estudo, abordaremos algumas características da Educação Física Humanista, que nasce da tentativa de contrapor-se à visão comportamentalista, em que princípios e aspectos como rendimento, eficiência, técnica, estética, estereotipação do movimento, saúde, performance, competição tornaram-se inquestionáveis além de inerentes à sua prática.

A linha humanista na Educação Física surge com a intenção de rejeitar esses princípios, assim como contrapor-se à visão reducionista acerca das suas possibilidades e objetivos, incorporados na concepção anterior, buscando, então, estabelecer uma práxis verdadeiramente humana.

Algumas idéias de Rogers podem ser identificadas na prática pedagógica da Educação Física Humanista. A seguir abordaremos algumas delas, porém se faz essencial esclarecer que as mesmas não acontecem isoladamente, mas, sim, numa plena inter-relação, não se caracterizando como únicas.

a) Aprendizagem significativa: resgata a visão holística do homem, proporcionando ao aluno experiências que extrapolam o nível puramente físico, envolvendo-o na sua totalidade. Nesse sentido busca no exercício natural um caminho a ser trilhado, pois, conforme Seybold (apud Oliveira, 1984:56), "os movimentos naturais têm um sentido, são determinados por uma finalidade (...). Surgem primordialmente quando devem produzir algo que tem sentido para o executante".

Perde-se aqui a perspectiva mecanicista e segmentada e tem-se, ao contrário, uma ação consciente, total, capaz de possibilitar a aprendizagem enquanto carregada de significado para o aluno.

Nas aulas de Educação Física, as atividades e os objetivos nascem a partir das necessidades dos educandos, conduzindo-os a uma postura de

consciência acerca de si mesmos. Os conteúdos como o esporte, o jogo, a dança, a ginástica etc. são reflexos das descobertas dos alunos frente ao que lhes é significativo dentro do seu mundo vivido.

Estender um braço não tem significado, a menos que seja para acenar para alguém, lançar um objeto, tocar a bola, conforme a intenção de quem realiza o movimento. Aí, então, pode-se vislumbrar a essência da aprendizagem significativa.

b) Liberdade: dentro da perspectiva humanista, deve ser favorecido um ambiente liberal ao aluno para que aconteça a "livre expressão". É necessário abandonar os métodos tradicionais e comportamentalistas, lançando-se, assim, num grande desafio, pois "formar hábitos mecânicos e instalar a uniformidade de conduta é, obviamente, tarefa mais fácil do que tentar assegurar para o indivíduo equilíbrio mental e torná-lo um homem capaz de tomar suas próprias decisões" (Amado apud OLIVEIRA, 1984: 57).

Postula-se que os exercícios sejam realizados a partir de impulsos internos do executante, onde exista a possibilidade de sentir o movimento como sendo seu, pois este prazer de movimentar-se livremente, acrescido do valor afetivo decorrente dessa liberdade, passa a construir, através da participação espontânea, uma verdadeira disciplina.

c) Ensino centrado no aluno: essa premissa recai sobre as técnicas (não-diretivas e de sensibilização, onde sentimentos podem ser expostos) e na relação professor-aluno, em que o primeiro caracteriza-se como um facilitador da aprendizagem e o segundo assume um papel de maior responsabilidade frente ao processo ensino-aprendizagem, partindo das suas próprias motivações.

Entendendo que, dentro da Educação Física, a postura humanista tem uma essência pedagógica, Oliveira (1984) observa que no professor de Educação Física, enquanto agente desse processo, recaem algumas atitudes como:

1. ser capaz de apropriar-se das técnicas, do jogo, do esporte, da dança, da ginástica não como um fim em si mesmo, mas como um meio para atingir seus objetivos educacionais;
2. integrar-se no ambiente em que atua, de forma a se constituir um agente de mudança;
3. atuar como orientador da aprendizagem, favorecendo o crescimento pessoal dos alunos;
4. orientar-se pelas técnicas não-diretivas;
5. perceber o aluno como pessoa, centrando sua preocupação na transferência da aprendizagem para a vida do aluno, muito mais do que no desempenho esportivo;
6. reconhecer a diferença entre o adestramento e a educação, e estar ciente de que atua junto a pessoas e, não, objetos.

Frente a essa perspectiva, sua atuação desloca-se radicalmente do eixo que suporta a proposta comportamentalista e apóia-se na percepção do aluno enquanto "ser humano" capaz de auto-realizar-se em função das possibilidades que lhe são oferecidas. E aí reside o seu principal meio de atuação.

d) individualidade: dentro da perspectiva humanista, tem-se como objetivo entender o aluno enquanto ser individual, atendendo suas necessidades e respeitando seus valores e suas limitações individuais.

A Educação Física Humanista, dentro desse âmbito, busca acabar com a uniformidade e a padronização dentro das atividades físicas, resgatando a questão do ser individual de cada aluno.

Ao analisar esse tópico, Vitor Marinho de Oliveira (1984) baseia-se no registro de Seybold (1980) sobre vários parâmetros utilizados para a reflexão acerca do ensino individualizado na Educação Física, destacando apenas três deles: a) maturidade motora — em que o indivíduo é respeitado quanto aos seus padrões motores; b) capacidade de rendimento — a partir do qual propõe para as aulas várias situações com diferentes graus de dificuldades, levando o próprio aluno a se classificar, na tentativa de eliminar frustrações. Cita ainda que, dentro dessa forma de atuar, o aluno está mais envolvido afetivamente com a atividade, pela oportunidade que possui de autodirigir-se e de auto-avaliar-se. Ciente dessas responsabilidades, o aluno procura um rendimento subjetivo, sem delinear-se segundo padrões estabelecidos a priori; c) interesse em que, após criticar a especialização precoce, atribui ao professor a tarefa de preocupar-se com o futuro do educando, numa perspectiva de ser um praticante permanente de atividades físicas.

Considerando o jogo como um importante instrumento de Educação Física, torna-se relevante refletir sobre seu acontecer sob a ótica humanista. O jogo resgata o caráter lúdico, atingindo o ser humano na sua totalidade. Ao jogar, é possível aprender e incorporar normas, assim como saber relacionar-se através delas a partir do próprio convívio, percebendo a necessidade de construção de um código de direitos e deveres. É possível vivenciar o que Rogers chamou de "inter-relações pessoais."

O jogo, dentro de uma concepção humanista, aparece como um oportunidade para a experimentação da criatividade e, no dizer de OLIVEIRA, "será jogando que a criança conseguirá abrir-se por inteiro à experiência, vivendo plenamente o próprio momento. Será jogando que, em última análise, a criança será capaz de "ser" (1984: p. 55). Complementando, será jogando que o homem resgatará a sua dimensão de "homo ludens" (Hui-zinga, 1971).

O jogo, ao adquirir outra dimensão que não a estritamente competitiva, passa a integrar outras possibilidades no campo da motricidade humana. Surge com muita ênfase, a partir de 1974, o movimento intitulado de EPT (Esporte para Todos), com o aparente objetivo de proporcionar a prática desportiva a todos os segmentos da população. Seu ideário continha algumas tendências humanistas, que foram suplantadas pela forte conotação ideológica que permeou a sua prática, orde a democratização das atividades esportivas não aconteceu de fato a não ser nas suas manifestações enquanto "espetáculo de um dia". O EPT, que era dirigido às massas, com o suposto objetivo de democratizar as atividades físicas (lazer, ocupação do tempo livre, esporte etc.) acabou contribuindo para perpetuar as desigualdades sociais, dogmatizar o esporte, coisificar o corpo e adaptá-lo às exigências da tecnocracia, tornar o indivíduo e a comunidade instrumentos de reprodução cultural e cultivar a obediência e a disciplina (Cavalcanti, 1984).

Outra proposta na Educação Física que engloba alguns princípios humanistas é representada no Brasil pelo professor visitante da Universidade Federal de Santa Maria, Reiner Hildebrandt (Alemanha Ocidental), que propunha as "Concepções Abertas para o Ensino da Educação Física", que carrega a intenção de trabalhar com o esporte na escola frente a uma outra dimensão, em que proposições como maior participação dos alunos nas decisões e organização das aulas e maior criatividade dos participante são privilegiadas; "onde o professor atua mais como um facilitador e negociador, sem abandonar os preceitos pedagógicos, mas aberto para modificar os exercícios e jogos, seguindo tendências, interesses e possibilidades do grupo" (COSTA, 1988, p. 17).

A questão central da proposta de Hildebrandt diz respeito a evitar a redução da complexidade do movimento humano nas aulas da Educação Física escolar. O professor liberta-se das fórmulas padronizadas de exercícios e jogos e pressupõe que os alunos têm a capacidade de modificar as regras já impostas e decididas a priori. Essa concepção fundamenta-se na Pedagogia do Esporte, que é visto como algo socialmente regulamentado, que pode ser aprendido, assistido (consumido), refletido e modificado (Hildebrandt, 1985).

De uma maneira geral, verificamos que a concepção humanista explicita-se na Educação Física há pouco tempo. Até então, estava "fechada" para muitas possibilidades no que concerne ao entendimento dos homens e mulheres e sua movimentação, não como um fim mesmo, mas junto a outras dimensões.

Essa tendência explicita-se fundamentalmente na Educação Física Escolar sob influência escolanovista e ainda em alguns movimentos isolados de atividades não-formais e comunitárias.

3. CONCLUSÃO

A abordagem humanista trouxe contribuições fundamentais ao cenário educacional, num momento em que o indivíduo, o aluno, carecia de novas perspectivas para manifestar-se enquanto ser humano no seu processo de construção, pois, até então, era tratado como um objeto, um ser coisificado.

Na escola, o ideário pedagógico dos professores incorporara uma nova linguagem, onde termos como liberdade, valores, não-diretividade, integração pessoal, diálogo, motivação interna, facilitador da aprendizagem, aluno/sujeito, auto-avaliação, sensibilização e muitos outros tomam-se comuns na sua prática cotidiana. Surge, então, sob esse prisma, a abordagem humanista, em que o aluno passa a ser o centro do processo ensino-aprendizagem construindo suas próprias experiências a partir das suas necessidades básicas.

O professor deve ter como qualidade elementar a autenticidade, a qual vai possibilitar o diálogo, privilegiando a cooperação, confiança, respeito e autonomia de seus alunos enquanto repletos de valores.

Os conteúdos têm uma importância secundária, sendo construídos e identificados perante a intencionalidade do educando, proveniente da sua realidade objetiva e subjetiva.

Nesse cenário, as estratégias e técnicas educacionais recaem sobre uma nova perspectiva, ou seja, abandonam-se as técnicas tradicionais em função do uso da sensibilização e da promoção de um ambiente favorável ou relacionamento interpessoal.

A escola assume um papel de formadora de atitudes, daí a sua ênfase nos aspectos psicológicos ou sociais. A mudança que se busca diz respeito ao interior do aluno, auxiliando-o a uma adaptação pessoal no ambiente que o circunda.

O movimento escolanovista, ao manifestar-se na escola, enalteceu a criança e seu mundo, dando sob, certos aspectos, uma contribuição ao seu desenvolvimento enquanto ser humano, resgatando a sua importância ao participar de seu próprio processo educativo.

Apesar da concepção humanista, via Escola Nova, ter contribuído em determinado momento histórico na educação, observamos que ela pecou em diversos posicionamentos, quando se entende a educação como práxis transformadora.

Assim, ao pensar a mulher e o homem dentro de uma concepção filosófica idealista, nega a sua historicidade e a sua capacidade de interferir na sociedade, enquanto agentes de transformação. E, ao negá-las, entende o Humanismo como se fosse possível reduzi-lo unicamente a uma dimensão individual. Em momento algum faz menção à humani-

zação como um processo de construção coletiva de seres humanos situados concretamente num contexto que transcende a sua esfera pessoal, a sua realidade subjetiva.

A influência da ideologia, aqui entendida como um mascaramento da realidade tal qual se apresenta, não é considerada pelo Escolanovismo quando pensa o mundo vivido da pessoa. Então, quando idealiza o desenvolvimento harmônico do indivíduo, não o percebe como sujeito aos condicionantes econômicos, políticos, culturais e sociais que se veiculam pelo aparato ideológico do Estado e da sociedade civil. Essa maneira de perceber o ser humano e a sociedade remete a um mero adaptar-se às expectativas sociais vigentes frente ao conservadorismo liberal, que, em última análise, serve à manutenção do "status quo".

A construção e o acesso ao conhecimento, sob o enfoque humanista, não recebem a devida importância como instrumentos essenciais à transformação da sociedade e como direito fundamental do indivíduo. O desinteresse pelo saber sistematizado e pela cultura universal forma homens e mulheres despreparados para superar a sua situação de dominação, pois os mesmos não detêm por si só os elementos necessários ao rompimento dessa situação.

Há, nesse sentido, o perigo de uma interpretação fragmentada, superficial da realidade, caindo num total espontaneísmo. Esse pode ser evitado na medida em que "algo externo" possa mediar o processo de desvelamento do real (Snyders, 1979). E esse "externo" deve também residir na ação do professor mediante a transmissão do saber sistematizado e no incentivo ao ato de reflexão, a uma releitura do que está posto.

Na abordagem humanística entende-se que o indivíduo tem uma tendência natural para conhecer; entende-se que o conhecimento é nato, sendo impulsionado pela motivação intrínseca de cada um frente às suas necessidades e interesses. No nosso entender, o conhecimento é construído socialmente na interação homem-natureza, através das contradições evidenciadas na essência e existência dos fenômenos, numa relação eminentemente dialética.

A implementação do humanismo no sistema escolar sofreu algumas dificuldades, principalmente pela predominância e unilateralidade da abordagem comportamentalista, que detinha uma tradição nesse campo. Também colaboraram para isso a inexistência de uma ação pedagógica mais sistematizada, a elevação dos custos necessários à sua implantação, a deficiente infra-estrutura da rede escolar (bibliotecas equipadas, amplo espaço físico, materiais didáticos ricos, professores preparados e outros).

No entanto, o ideário humanista adentrou o pensamento dos educadores que tentaram praticá-lo

em instituições que tinham como suporte teórico ainda um referencial tradicional, o que acabou por causar uma grande confusão no seio da escola. Consequências como o afrouxamento da disciplina, o descomprometimento do professor na sua prática pedagógica, e a despreocupação na transmissão de conteúdos reconhecidos universalmente acabaram por rebaixar o nível de ensino, especialmente o destinado às camadas populares, as quais, geralmente, têm na escola pública o único caminho para chegar ao saber sistematizado. Conforme SAVIANI, a perspectiva humanista através do movimento escolanovista "...aprimorou o ensino destinado às elites" (1988:22), o que, por sua vez, confirma uma escola dualista: às elites é destinado um saber sistematizado, qualificado, que lhes proporciona o acesso às universidades, e às classes populares é destinado o ensino profissionalizante, que, geralmente, tem no secundário seu caráter terminal.

A escola pública, que poderia ser o maior agente da democratização do ensino, contribui para essa segregação, uma vez que não é acessível a todos e os alunos das camadas populares que conseguem chegar a ela são relegados, na medida em que esta trabalha com a lógica da exclusão. Ou seja, trabalha conteúdos desvinculados do cotidiano do aluno, padroniza comportamentos, necessidades e interesses a partir da visão dominante, discrimina os que não se enquadram nos padrões da "normalidade", contribuindo significativamente para que não sintam na escola um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. Ao contrário, sentem-se deslocados.

Outro ponto-chave para essa situação recai na questão de que a escola, embora pública, atende aos interesses privados, negando a emergência do saber e da cultura popular. Em decorrência de tais acontecimentos, a desigualdade entre as classes se acentua, favorecendo e assessorando uma em detrimento da outra.

Quando se atribuiu ao professor o papel de facilitador, catalizador da aprendizagem, e ao aluno a responsabilidade primeira de ser sujeito do processo, foi possível vislumbrar na prática uma inversão de papéis. Ao retirar-se toda a responsabilidade e o comprometimento do docente na socialização do saber sistematizado, surgiu uma relação anárquica, pois não se considerou que o professor é possuidor de maior conhecimento que o aluno, decorrente até da sua própria situação histórica/existencial. A respeito dessa relação (professor/aluno) concordamos com SNYDERS quando nos fala que:

"el alumno no es un pobre ignorante sobre quien se vierte el conocimiento sin que participe en su elaboración, sin que pueda interesarse en el mismo. Pero tampoco se debe caer en

la demagogia del simplismo que pretende persuadir a cada alumno que está al mismo nivel de la ciencia y del maestro" (1979, p. 27).

Ao relegar os conteúdos a um segundo plano, acreditamos que o Escolanovismo incorreu num grande erro, por evidenciarmos a fundamental importância que existe na apropriação dos conteúdos, como uma instrumentalização com vistas à ação transformadora da realidade humana. Cabe ressaltar que a seleção dos conteúdos deve estar filtrada pela perspectiva ideológica, no sentido de cotrapor-se à ideologia hegemônica. Citamos aqui, BAGGIO, que diz:

"a questão deve estar centrada na seleção (...) dos conteúdos. Aí reside um dos pontos-chaves da educação. A mudança quanto à apreensão da realidade de uma "experiência imediata e desorganizada ao conhecimento sistematizado", não permite afirmar-se que ela represente um avanço à superação de um sistema opressor; porque a experiência imediata e o conhecimento sistematizado não são neutros, ambos são condicionados a alguma ideologia" (1988, p. 65).

As objeções que fazemos aos paradigmas que refletem a postura humanista, no que se refere ao papel da escola, devem-se ao fato de que eles a negam como um espaço destinado à divulgação do saber, suprimindo a curiosidade intelectual. Ao substituir-se a descrição teórica pela troca de experiências, criam-se obstáculos às classes populares, limitando-as quanto ao acesso à cultura universal, refletindo um descompromisso com esses segmentos da sociedade.

Ressaltamos, ainda, a questão da liberdade, que aparece dentro dessa ótica de educação como uma conquista individual do aluno, decorrente da sua autodireção e autoconstrução. Que liberdade é essa, e que possibilidades terá o aluno de operar e tirar conclusões a partir de suas próprias referências, se ele é um produto determinado e determinante do meio em que vive e traz subjacente um conjunto de normas, valores, conceitos, representações e juízos estabelecidos *a priori*?

A Educação Física não acontece isolada do contexto educacional. Portanto, servem-lhe todas as análises, com a agravante de se ter retardado por muito tempo o questionamento acerca de seu atuar e da sua função social.

O próprio Escolanovismo se inseriu muito tardiamente na Educação Física, pelo fato de que esta, por muito tempo, apresentou-se "militarizada, disciplinadora, voltada quase que exclusivamente para o físico, com baixo nível de reflexão teórica, utilizando meios que dificilmente atingiriam os objetivos educacionais globais propostos pelos escolanovistas" (BETTI, 1988, p. 93).

Um ponto nevrálgico da postura humanista na Educação Física (quando se efetivou) é entendê-la de maneira ingênua, bem como um entendimento também limitado acerca do movimento humano, que é destituído de sua concretude histórica.

Há avanço em alguns pontos, principalmente por opor-se à visão reducionista do comportamentalismo, ao privilegiar outras dimensões que não a competitiva. Mas, mesmo assim, só consegue compreender o movimento como fator de libertação expressão, utilidade e construção enquanto ser humano, pessoa sem uma dimensão social mais ampla. O social é entendido apenas como o relacionar-se com o outro, como se isso fosse condição "*sine qua non*" para um projeto mais amplo de transformação social. Essa possibilidade é escamoteada, como se simplesmente não existisse. Noutras palavras: seu discurso pode ser emancipatório, mas sabemos que, na verdade, oculta um profundo conservadorismo.

Não podemos deixar de afirmar que, infelizmente, o Humanismo, pelas suas mais diferentes manifestações, não teve força suficiente para modificar o acontecer das aulas de Educação Física Escolar brasileira, que, quando não caem no desleixo total, trabalham valorizando o aspecto físico, as medições quantitativas, a competição, a seletividade.

A Educação — e a Educação Física — por si só não transformará (ão) a estrutura social vigente, mas, certamente, sem ela (s) a transformação não se concretizará. Com isso, acreditamos ser essencial a clareza do professor acerca dos pressupostos filosóficos, políticos e ideológicos que orientam a sua concepção de mundo, compromisso esse refletido na sua ação pedagógica e no seu atuar enquanto cidadão.

Ao percebermos que muitos educadores, quando adotam a concepção humanista, pensam estar construindo uma nova perspectiva em educação, preocupamo-nos. Como pode um seguidor dessa concepção lançar-se a uma real transformação em prol de uma sociedade democrática, se não questiona essa nossa sociedade, e, assim, acaba por colaborar para a sua manutenção, legitimação e reprodução?

Frente a essas questões, ressaltamos a importância da clareza conceitual e ideológica que o

professor deve ter frente ao seu atuar, para evitar incorrer em erros e ter ainda uma visão distorcida acerca do seu próprio agir.

Finalmente, construir uma sociedade democrática requer mais que entender o ser humano como entidade abstrata (postura humanista), requer mais que "votar para presidente".

Construir uma sociedade democrática de fato, e não de discurso, pressupõe uma luta cotidiana em que, não se esperava do futuro algum porto de chegada onde os homens, finalmente libertos, abrissem mão dos riscos de navegação" (PT, 1989.).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGGIO, André. O que é primordial em educação? uma crítica à pedagogia crítico-social dos conteúdos. *Revista Contexto & Educação*. (11) Ijuí: Livraria Unijuí Editora, 1988.
- BETTI, Mauro. *A educação física na escola brasileira de 1º e 2º graus, no período 1930-1986: uma abordagem sociológica*. (diss. mestrado) São Paulo, USP, 1988.
- CASTELLANI FILHO, Lino, A (des) caracterização profissional, filosófica da Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. (4) 3, 1983.
- *O currículo, a história e o processo político-pedagógico da Educação Física*. Campinas, mimeo, 1983.
- CAVALCANTI, Kátia B. *Esporte para todos: um discurso ideológico*. São Paulo: IBRASA, 1984.
- COSTA, Lamartine P. da. *Educação Física e esportes não formais*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1988.
- GHIRADELLI JR, Paulo. *Educação Física Progressista*. São Paulo: Loyola, 1988.
- HILDEBRANDT, Reiner, e LAGING, Ralf. *Concepções abertas no ensino da Educação Física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- OLIVEIRA, Vitor M. *Educação Física Humanista*. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1984.
- PARTIDO DOS TRABALHADORES. *Manifesto por uma nova esquerda*. São Paulo, 1989. mimeo.